

A ROTA DO VINHO DO PORTO

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS PLATINA / PALÁDIO

JOSÉ MIGUEL FERREIRA



MUSEU DO VINHO DO PORTO

DE 16 DE MAIO A 31 DE AGOSTO 2009

INAUGURAÇÃO SÁBADO 16 DE MAIO 2009 DAS 18:00 ÀS 20:30

Rua de Monchique, 45/52 4050-394 Porto Tel.: 351 222 076 300

De Terça a Domingo, das 10h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30

Fechado às Segundas e feriados

Reflecto sobre as razões que me trouxeram aqui, à beira da estrada, com uma vista magnífica de uma vertente do Douro pontilhada de oliveiras entre as vinhas, mais pequenas à medida da distância que nos separa, como rebanhos em fila que vão beber ao rio. Dos altifalantes da carrinha nasce a melodia do clarinete do concerto de Mozart (K.622). A paisagem e a música formam uma simbiose perfeita, qual pedra filosofal resultante de fusão imaculada. Contemplo o que chamo “um retrato multi-sensorial de Deus”. Parece-me estar em todo o lado ao mesmo tempo, onnipresente, no mar, na terra, no céu, penso que nunca nasci, que ainda sou embrião, novo e velho, e além da morte. A luz que inunda o vale reflecte-se no meu olhar. Vejo uma solidão que não é. A proporção divina da música que mora no espírito funde-se na luz e nas nuvens e, numa fracção de segundo, vejo-me no espelho da própria alma. O tudo é maior que o pequeno. O insondável é maior que o tudo. Dou asas às sensações, deixo-me absorver pela música, as montanhas, as oliveiras, as raras flores que ainda se vêem nesta época do ano. Cada medida musical abre-se numa nova curva da estrada, como se esta tivesse sido desenhada sobre papel de pauta. As árvores e arbustos brincam com os meus olhos. Agora deixo-te ver o Douro, agora não deixo. Recito: “A minha vida é luz; na música; no coração; na alma; nos olhos; as minhas lembranças são lembranças de luzes; e a minha maneira de sobreviver desde sempre; quando não há luz, nada mais me interessa.” Um grito de Amor surge no espaço com o primeiro acorde da Fantasia para piano (K.475). Um som que tudo enche, um Dó menor que dói. Sente-se a aflição do silêncio. O lugar não é muito grande. Uma igreja branquíssima com a luz a reflectir na fachada, algumas ruelas estreitas e escuras, uma mercearia com fruta colorida cá fora, e um bar à frente. À entrada conversam cinco homens, já sem idade, sentados nas cadeiras de plástico vermelho patrocinadas pela “Super Bock”. Alinhados contra a parede, observam as velhotas que bordam à porta da igreja, elas também muito bem alinhadas, de preto vestidas. Sento-me na única mesa, à sombra do plátano. Levanto-me pouco depois e, separando a cortina de pequenas correntes que vedam a entrada às moscas, entro no bar, lúgubre, cheirando a vinho e homens velhinhos, que emudecem para melhor observar o jovem estrangeiro. Gente na faina. Bardos de vinha. Urzes. Moscatel dourado. Giestas. Muros de xisto. Sardão. A cena magistralmente estética pede um acompanhamento musical à altura. A paisagem é como um cenário de ópera natural. A ternura de um vento quase inexistente, que nem as folhas faz cantar. Fixo a totalidade do que os meus olhos podem abranger, sinto na pele a própria existência física comungando com o ar e a luz. Respiro profundamente em harmonia com as primeiras notas da Grand Partita (K.389). O arrepio intenso que me

percorre o corpo e a alma nesse instante, lembra-me a fragilidade da felicidade que estou a sentir. É preciso nunca esquecer este momento, e gravar para sempre no espírito cada vibração presente. O Amor. Sobrevoa as vinhas e as amendoeiras, as aldeias e olivais, o Douro e as nuvens, a ponte D. Luís e passa por baixo da Arrábida. Aterra na areia da praia. Frente à imensidão do Oceano, a única coisa a fazer é ficar calado. O mar cuspiu-me há dois anos. Eu pensava que sabia nadar. Que era um homem do mar. Que o facto de ser português me fazia conhecer Portugal e todas essas pretensões portuguesinhas. E o Oceano cuspiu-me, com ternura e desdém. Mandou-me outra vez para terra, com um recado. Em dez intermináveis minutos, lambeu a pretensão do ego, arrancou as certezas da razão, e deixou-me a tremer, estendido na areia. Chorei toda a água salgada que ele me obrigou a engolir. Esfregou-me os olhos com areia e expulsou-me do seu leito, como um mau amante... Comparados com a nossa verdadeira natureza, nós – o nosso ego – é tão grande como um fogo de palha molhada. Pensa estar em todo o lado ao mesmo tempo, no mar, na terra, no céu, pensa que nunca nasceste, que ainda és embrião, novo e velho, e além da morte. Há o sol, e o cheiro das flores que crescem assim, por nenhuma razão. E as árvores à volta, à solta, à beira da estrada. Muitas pedras enormes, penedos cheios de musgo, às vezes com arbustos que se espevitam entre as fendas da rocha, muito frias nas noites de inverno e a escaldarem nas tardes de verão. A vista perde-se contra as montanhas ao longe. Entre a fronteira visual e os pés, dezenas de quilómetros de vinhas e oliveiras, o Douro, as nuvens, os detalhes das folhas através da luz. A sua natureza fractal. O universo reduzido. A dúvida é um elemento essencial na criação. Pensei em todos esses momentos, em Portugal, que ainda não sei se existiram realmente. Por enquanto são sequências de um filme que eu vi ou fiz, mas que não vivi. A banda sonora desse filme passa-me pela cabeça em contínuo, saltando de uma cena para a outra. A música faz o filme. Ouço o segundo quarteto (K.421) que Mozart dedicou a Haydn. Um adágio cheio de dúvidas, não na concepção, mas na expressão. E a dúvida está lá, no centro do trabalho, fotográfico, escrito, humano. A dúvida da transmissão. A transmissão exacta. A sublimação. Fazer Arte como se faz Amor. Sedução e irresistibilidade. Como a música. Tentar fazer algo tão único como o movimento de recolhimento das antenas de um caracol quando se toca com o dedo. Prazer ou dor? Ou os dois ao mesmo tempo? Também há a grande vontade de tentar ir contra a corrente. Tirar a fotografia errada, escrever a má palavra, fazer o mau gesto, só para ver o que dá. Não somos nós tudo e o seu contrário?

Nascido em 1972, em Angola, José Miguel Ferreira descobre a sua paixão pela fotografia a partir da sua juventude. Teria certamente gostado muito de seguir uma carreira como músico, mas preferiu aprender a arte da fotografia como auto-didacta. Os seus primeiros testes realizados com a máquina fotográfica da família não foram muito satisfatórios e não traduzem a sua verdadeira percepção das coisas. O seu primeiro ordenado permitiu-lhe adquirir um dispositivo mais sofisticado com o qual melhora a sua técnica e leva-o a realizar o desejo de construir, em 1991, o seu primeiro laboratório, no hotel em Genebra onde trabalhava na altura. Procurando constantemente a mais alta qualidade fotográfica possível, adquire equipamentos meio formato e aprende, a partir de 2000, as jubilações da fotografia de alta definição, graças a uma câmara de grande formato. Dois anos mais tarde, a vida do fotógrafo toma um outro rumo; então trabalhando como consultor informático independente há mais de seis anos, José Miguel Ferreira decide distanciar-se do quotidiano genebrês para se dedicar integralmente à sua paixão e toma as estradas de França com sua câmara técnica grande formato. Esta viagem, rica em emoções e descobertas, dará à luz o seu projecto fotográfico mais importante, Franca Terra, através do qual tenta fornecer um fresco olhar sobre as regiões e paisagens de França e sobre o delicado equilíbrio entre a acção do homem e a Natureza. Desde 2004, o artista experimenta processos digitais de alta resolução, sem no entanto renunciar às suas ferramentas favoritas: a câmara técnica e o laboratório tradicional.

Rigoroso, preciso e extremamente metódico, José Miguel Ferreira tem todas as características de um homem apaixonado pela sua arte. Além de uma excelente mestria técnica, o fotógrafo gosta de ser guiado pelas suas emoções e pelo seu profundo senso de estética. Este homem, para o qual arte não rima sempre com racionalidade, é particularmente receptivo ao Mundo e às energias que o rodeiam e ama impregnar-se deles profundamente.

Fora do mundo - é essa a mentalidade do fotógrafo quando trabalha com um novo projecto no seu laboratório. Servem-lhe como única companhia as obras dos seus compositores preferidos, e gosta de se isolar, para se dedicar inteiramente ao seu projecto e tentar dar o melhor de si. Todas estas qualidades são indispensáveis para a prática da Platinotipia que José Miguel Ferreira descobriu durante uma curta estadia no E.U.A. em 2003. Este é um processo fotográfico alternativo extremamente complexo, usado por artistas / fotógrafos como Alfred Stieglitz e Edward Weston durante o início do século XX. Mais recentemente, tanto Robert Mapplethorpe como Irving Penn - entre outros - também trabalharam com este processo. Quando se utiliza esta técnica, a liberdade e o controlo do presente médio dão ao fotógrafo infinitas

possibilidades de interpretar a imagem. Além disso, esta técnica oferece a possibilidade de combinar o poder e a precisão das tecnologias modernas com o encanto e a paixão contida nos mais antigos processos fotográficos.

Exposições

05-08/2009 | Museu do Vinho do Porto
Porto, P | «A Rota do Vinho do Porto»

03/2009 | La Galerie Parisienne
Paris, F | «A Linha do Tua»
(exposição colectiva)

10/2007 | 5èmes Rencontres Photog. du Genevois
St-Julien, F | «H2O»
(exposição colectiva)

06/2007 | Bac à Trois - Prochain Arrêt
Neuchâtel, CH | «Fantaisies Chromatiques»
(exposição colectiva)

10/2006 | 4èmes Rencontres Photog. du Genevois
St-Julien, F | «La ville»
(exposição colectiva)

09-10/2006 | 5, rue de la Muse | Simon Studer Art
Genebra, CH | «Un plongeoir sur les bains»
(exposição colectiva)

10-11/2005 | Organização Internacional do Trabalho
Genebra, CH | «Genève en solitaire»

11-12/2004 | 5 rue de la Muse | Simon Studer Art
Genebra, CH | «Franca Terra – Une année en France»

Exposições futuras

05-06/2009 | Galerie Mimesis
Genebra, CH | «Photographies platine/palladium»

07/2009 | Galerie PHOTO4
Paris, F | «Accrochage»
(exposição colectiva)

07-08/2009 | Galeria Almedina
Museu Municipal de Coimbra
Coimbra, P | «O Norte de Portugal»

09/2009 | Southeast Museum of Photography
Florida, USA | «Recent Works/Recent Acquisitions»
(exposição colectiva)

10/2009 - 01/2010 | Musée Malraux
Le Havre, F | «Les nuages... là bas... les merveilleux nuages !» - Homenagem a Eugène Boudin
(exposição colectiva)

A ROTA DO VINHO DO PORTO

JOSÉ MIGUEL FERREIRA

FOTOGRAFIAS PLATINA / PALÁDIO
EDIÇÃO DE 5 TIRAGENS + 1 PROVA DE ARTISTA

35 x 28,5 cm montadas em cercadura 40 x 50 cm
(tituladas, datadas, assinadas com certificado de autenticidade).

Todas as fotografias são efectuadas manualmente com os metais nobres platina e paládio, aplicados com pincel sobre papel aguarela Bergger COT 320 100% algodão e tiradas por contacto.

Fotografias deste portfólio foram recentemente seleccionadas por instituições como o Getty Research Institute, na Califórnia e o Southeast Museum of Photography, na Flórida, como parte das suas colecções permanentes.

Para informações sobre preços, disponibilidades e condições:

José Miguel Ferreira
T: 09 12 04 29 06 ou
+41 76 472 09 15
jmf@jmferreira.net

Considerada a elite dos muitos processos alternativos, a Platinotipia é um processo de impressão fotográfica patenteado em 1873 por William Willis. Esta foi precedida por uma série de experimentações por vários fotógrafos e cientistas, que começaram em torno de 1830. Durante a Primeira Guerra Mundial, os preços da platina subiram devido à sua função como catalisadora de explosivos. Como resultado, os fotógrafos necessitaram de investigar outros processos fotográficos - a gelatino-bromide de prata entre eles. Em pouco tempo, o papel revestido de platina desapareceu do mercado. Quando foi redescoberta nos anos 1960, a platinotipia foi uma vez mais acolhida por causa da imensa gama tonal que esta técnica permite a cada fotografia. A principal vantagem desta técnica é a impregnação de sais de platina / paládio, finamente divididos, na fibra do papel, permitindo que a imagem dure o mesmo tempo que o papel no qual é gravado. A platina / paládio é um processo extremamente lento por impressão-contato, método que exige uma luz ultravioleta muito forte e que o negativo seja do mesmo tamanho que a fotografia desejada.

Com um pincel, um bom papel aguarela é sensibilizado com uma mistura de sais férricos (sensível à luz UV) e sais de chloroplatinite e/ou chloropalladite. Uma vez seco, o papel será exposto à luz UV em contacto apertado com o negativo. Processada, após a revelação numa solução de oxalato de potássio, citrato de amónio ou de outros reveladores adequados para a impressão Pt / Pd, a fotografia é composta de platina (e/ou paládio), prestando à imagem uma subtil tonalidade que pode variar de frio metálico a quente vermelho, em função dos metais nobres utilizados na preparação da mistura e da temperatura do revelador. Nos dias de hoje, as estampas platina e paládio são cada vez mais procuradas por galerias, museus e coleccionadores de belas-artes, que as apreciam pela sua estabilidade e pela sua incomparável beleza.